



Universidade Federal de São Carlos – UFSCar
Centro de Ciências Biológicas e da Saúde – CCBS
Departamento de Terapia Ocupacional - DTO
Laboratório de Atividades Humanas e Terapia Ocupacional - AHTO

Amanda Mendes Molina

Terapia Ocupacional e Cultura *quais caminhos estamos trilhando?*

São Carlos - SP
2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS – UFSCar
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE – CCBS
DEPARTAMENTO DE TERAPIA OCUPACIONAL - DTO
LABORATÓRIO DE ATIVIDADES HUMANAS E TERAPIA OCUPACIONAL -
AHTO

AMANDA MENDES MOLINA

**TERAPIA OCUPACIONAL E CULTURA: QUAIS CAMINHOS ESTAMOS
TRILHANDO?**

SÃO CARLOS - SP

2021

AMANDA MENDES MOLINA

**TERAPIA OCUPACIONAL E CULTURA: QUAIS CAMINHOS ESTAMOS
TRILHANDO?**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Federal de
São Carlos para a obtenção da formação
em Terapia Ocupacional.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Carla Regina Silva

SÃO CARLOS - SP

2021

RESUMO

A Terapia Ocupacional expandiu seus campos de atuação, práticas, grupos e populações para além do núcleo saúde. Temos que sua relação com a cultura perpassa por dimensões, práticas, campos e outras interfaces, além de perspectivas, éticas e outras construções que sustentam essa interrelação. Este projeto de pesquisa tem como temática central o campo da Terapia Ocupacional e Cultura e suas interfaces, buscando identificar algumas práticas que os terapeutas ocupacionais vem desenvolvendo nesta interface no Brasil. **Objetivo:** Identificar quais são as práticas que terapeutas ocupacionais vêm desenvolvendo na interface Terapia Ocupacional e Cultura no Brasil. **Metodologia:** A partir de dez entrevistas com 14 profissionais formadas em Terapia Ocupacional que se debruçam em sua área de atuação ou de estudo/pesquisa a interface Terapia Ocupacional e Cultura e estão vinculadas ao grupo de pesquisa Atividades Humanas e Terapia Ocupacional – AHTO, cadastrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq foi possível identificar pontos fundamentais para aprofundar a discussão sobre Terapia Ocupacional e Cultura. **Resultados:** Os dados coletados a partir das entrevistas investigamos exemplos de prática; conceitos definições e especificidades; desafios e dificuldades; potencialidades. Por meio deste estudo foi possível identificar que terapeutas ocupacionais estão engajados na construção do campo da Cultura na Terapia Ocupacional bem como na construção de conhecimento e realização das práticas.

Palavras chaves: terapia ocupacional; cultura; terapeutas ocupacionais; práticas.

ABSTRACT

Occupational therapy has expanded its expertise's areas, practices, groups and population to beyond the core health. Its relation with the culture runs through dimensions, practices, fields and other interfaces, and also perspectives, ethics and other constructions that sustain this interrelation. This research project has as its central theme the field of Occupational Therapy and Culture and its interfaces, seeking to identify some practices that occupational therapists have been developing on this interface in Brazil. **Methodology:** From ten interviews with 14 professionals graduated in Occupational Therapy who focus on their area of expertise or study/research Occupational Therapy and Culture interface and are linked to the research group Human Activities and Occupational Therapy (Atividades Humanas e Terapia Ocupacional - AHTO), registered with the

National Council Scientific and Technological Development (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPQ), it was possible to identify key points to deepen the discussion on Occupational Therapy and Culture. **Results:** From data collected from the interviews, we investigated examples of practice; concepts, definitions and specifics; challenges and difficulties; potentials. Through this study, it was possible to identify that occupational therapists are engaged in the construction of the field of Culture in Occupational Therapy as well as in the construction of knowledge and implementation of practices.

Keywords: occupational therapy; culture; occupational therapists; practices.

AGRADECIMENTOS

À Prof^a Dr^a Carla Regina Silva, por me guiar e me acompanhar a cada passo de minha graduação, sendo mais que uma orientadora, mas sim uma verdadeira inspiração. A todos os membros e parceiros do Laboratório de Atividades Humanas e Terapia Ocupacional – AHTO, que auxiliaram na construção desse Trabalho de Conclusão de Curso. Aos meus colegas de classe pela companhia e apoio em cinco incríveis anos de graduação. À minha família e amigos pelo incessante e incondicional carinho, amor e suporte durante o processo de tornar-me terapeuta ocupacional.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Imagem convite.....	18
Figura 2 - Nuvem de palavras: populações.....	23
Figura 3 - Nuvem de palavras: definições.....	26
Figura 4 - Especificidades	29
Figura 5 - Nuvem de palavras: desafios.....	32
Figura 6 - Potências	38

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Entrevista individual: docentes.....	19
Tabela 2 – Entrevista individual: técnicas	20
Tabela 3 - Entrevista coletiva	20

SUMÁRIO

Quais caminhos estou trilhando...

I	Dos primeiros passos ao voar: caminhos pela Terapia Ocupacional	8
II	Voar e pousar pela Terapia Ocupacional: AHTO como local de segurança e acolhimento.	9
III	O trilhar no espaço acadêmico	10

Quais caminhos estamos trilhando...

1	INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA.....	12
2	OBJETIVOS	16
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	17
3.1	Coleta de dados	21
4	PROCEDIMENTOS ÉTICOS	21
5	ANÁLISE DE DADOS.....	22
5.1	Exemplo de práticas	22
5.2	Conceitos, definições e especificidades	26
5.2.1	Terapia Ocupacional e Cultura: campo, interface ou outros?	26
5.2.2	Especificidades	29
5.3	Desafios.....	32
5.4	Potências.....	38
6	CONCLUSÃO.....	41
7.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	44

Quais caminhos estou trilhando...

Para discorrer sobre quais caminhos estamos trilhando nas interfaces da Terapia Ocupacional e Cultura, acho imprescindível discorrer sobre os caminhos que percorri, explorei e trilhei na Terapia Ocupacional (TO).

Desde muito pequena, fui e sou encantada e maravilhada pelas artes. A isso, dou créditos a minha mãe, tão talentosa, que garantiu que eu crescesse num ambiente que pudesse explorar as mais diversas formas de expressão. Cresci com crochê, tricô, costura, pintura, colagem, encadernação. Cresci com histórias e imaginação. Falo com segurança que, graças a minha mãe, cresci acreditando num mundo que permitisse que eu desenvolvesse minhas criações das formas mais genuínas possíveis.

De alguma forma ou de outra, esses caminhos me levaram à Terapia Ocupacional (TO). Ingresso no curso de Terapia Ocupacional na Universidade Federal de São Carlos - UFSCar no ano de 2017, com certa dúvida sobre o que era essa tal TO, a qual eu ouvia dizer ser uma “mistura de psicologia e fisioterapia”, porém com muita curiosidade.

Digo com propriedade que me encantei pelas múltiplas oportunidades que via que a Terapia Ocupacional poderia me oferecer, mas também, com honestidade, não sentia conexão com a maioria delas. Não sentia que me encaixava. Comecei a me questionar “será que existe lugar na Terapia Ocupacional para mim?”. Nesse turbilhão de pensamentos, inicio a disciplina de Laboratório de Atividades e começo então novos questionamentos: acho que talvez exista um lugar na Terapia Ocupacional para mim..., mas como chegar até ele?

I Dos primeiros passos ao voar: caminhos pela Terapia Ocupacional

Na disciplina de Laboratório de Atividades me vejo experimentando. Me vejo mexendo com as mãos todas cheias de tinta, me vejo desenhando, me vejo mexendo com argila, me vejo dançando, ouvindo música, permitindo que meu corpo se movimente de maneiras que nunca permiti antes.

Sim, existe um lugar na Terapia Ocupacional para mim. Mas não fui só eu quem percebeu isso... em meio a tantas novas experiências, duas mulheres incríveis, me descobrem em meio a minha autodescoberta. Isadora Cardinalli, minha querida docente que ministrava a disciplina de Laboratório e Flor Fernandes, minha querida até então colega de classe, quem eu admirava, porém não tinha muito aproximação. Costumo dizer que Isadora e Flor pegaram em minhas mãos e me levaram até o Laboratório de Atividades Humanas e Terapia Ocupacional - AHTO no ano de 2018, Laboratório o qual hoje apelido carinhosamente de “local de pouso”.

No AHTO, fui apresentada à Carla Regina Silva, a famosa Carlinha. Claro que eu já havia escutado esse nome, lido suas publicações com fascínio, mas nunca havia a conhecido. Foi nesse momento que a conexão ocorreu, a tão esperada conexão que ansiava desde o início da minha graduação. Carla, hoje, mais que minha docente e orientadora, é minha inspiração, dentro e fora da Terapia Ocupacional, e quem consegue trazer à tona conexões de mim para mim mesma, das quais muitas eu nem sabia da existência.

II Voar e pousar pela Terapia Ocupacional: AHTO como local de segurança e acolhimento.

Meu primeiro projeto de extensão no AHTO intitulava-se “Expressões Potentes da Juventude”, o qual explorávamos o equipamento cultural Estação Cidadania - Cultura Emílio Manzano (CEU das artes), localizado no bairro periférico São Carlos VIII do município de São Carlos. Nesse projeto comecei a me aproximar das políticas culturais, entendendo a cultura plenamente como constituinte dos direitos humanos, e tomando consciência da violação diária desse direito. Comecei também meu processo de compreensão sobre a importância de equipamentos culturais e, mais que isso, importância da população e comunidade se aproximarem desses equipamentos.

Meu caminho pelo AHTO continuou. Participava cada vez mais de encontros e reuniões do Grupo de Pesquisa do AHTO (mesmo sem entender de início o que era um grupo de pesquisa!). Cursei “Estado, Política e Cidadania”, ministrada pela Carla, que me ajudou muito a incorporar conceitos que fundamentam até hoje minha maneira de pensar Terapia Ocupacional de maneira contextualizada e crítica, respeitando meu compromisso ético político em me tornar Terapeuta Ocupacional. A disciplina de “Corporeidade e Expressão”, também ministrada por Carla, me trouxe sentido em um momento de confusão. Sim, aquele era meu lugar.

Através dessas duas disciplinas, começo a me aproximar também um pouco mais dos conceitos de gestão cultural. Isso me leva até meu segundo projeto de extensão do AHTO, “Hip Hop em Cena: redes conectivas entre artes, periferia e universidade”. Esse projeto foi voltado para o processo de gestão cultural, envolvendo desde o planejamento até a realização de um evento cultural intitulado Festival do São Carlos 8 - FEST8: um festival de duração de três dias com atividades culturais no equipamento CEU das Artes. Assim como aponta Ambrósio et al. (p. 180, 2020) o FEST8 foi “planejado, pensado e executado a partir dos conceitos de fruição cultural, produção cultural e gestão cultural” e pude acompanhar de perto esse processo.

O projeto nasceu da parceria da UFSCar e AHTO com a Estação Cidadania do São Carlos 8 (CEU das artes). Como realizadores do evento citamos a UFSCar, AHTO, Laboratório Criarte, Centro Municipal de Artes e Cultura - CEMAC além da Prefeitura de São Carlos. O festival também recebeu apoio do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial - SENAC, Serviço Social do Comércio - SESC e a Pró-Reitoria de Extensão da UFSCar - PROEx.

O FEST8 teve o intuito de fomentar o intercâmbio, aproximar e promover os mais diversos segmentos culturais e artísticos, conectar e valorizar as produções e elaborações do território. Queríamos que a comunidade se apropriasse daquele espaço que era seu por direito. Buscamos valorizar as construções multiculturais e favorecer o intercâmbio entre a comunidade, universidade na interlocução e reciprocidade entre produções, na difusão do patrimônio artístico, cultural e histórico da cidade.

Os dias 22, 23 e 24 de novembro de 2019 foram repletos de atividades culturais oferecidas aos/pelos moradores do bairro e foram idealizadas para contemplar as diversas faixas etárias: roda de capoeira, pintura e manutenção de shape de skate, campeonato de skate, apresentação de dança do ventre, apresentação de circo, apresentação de teatro, exibição de filmes, oficina de artesanato para crianças e responsáveis, pintura de rosto, oficina de design de sobrancelhas, oficina de rádio, oficina de fotografia, oficina de percussão, show de rap e break, sarau, dentre outras brincadeiras e interações. Assim como traz Ambrósio (p. 184, 2020) “o campeonato de skate [...] foi a atração central do evento, reunindo crianças, adolescentes, jovens e adultos, de todas as idades e gêneros, atraindo atenção, principalmente, dos jovens que não frequentavam o espaço”. Além disso, o CEU foi decorado de maneira lúdica e interativa.

Neste final de semana, o local ganhou vida. O fluxo de pessoas no espaço, entrando e saindo, as crianças correndo, todas pintadas, os jovens andando de skate, mães levando seus filhos. O local estava vivo, pulsando e era da comunidade. A comunidade ganhou protagonismo e foi ela quem ditava os ritmos. Sem a menor sombra de dúvidas, essa foi a experiência mais marcante em minha graduação.

III O trilhar no espaço acadêmico

O momento do temido Trabalho de Conclusão de Curso chegou e não tive dúvidas de quem escolheria para ser minha orientadora em meu TCC: minha amada Carlinha. Não foi um processo fácil. Eu estava tão maravilhada com a Terapia Ocupacional e Cultura que não sabia para onde me direcionar. Fui envolta por um medo do desconhecido, nunca havia habitado a academia e somado a um momento de extremo desgaste pessoal, o início desse caminho foi doloroso. Mas mais que uma orientadora, Carla me acolheu e me ensinou que é possível estar

nesse lugar de maneira leve e que é esse tipo de conhecimento em Terapia Ocupacional que queremos construir.

Juntas, decidimos estudar e buscar investigar quais são as práticas que terapeutas ocupacionais estão desenvolvendo na interface da Terapia Ocupacional e Cultura no Brasil. Dessa ideia, surgiu minha primeira Iniciação Científica, com duração de setembro de 2020 à setembro de 2021, com apoio do Centro Nacional de Pesquisa - CNPQ, intitulada “Terapia Ocupacional e Cultura: quais caminhos estamos trilhando” que me é motivo de muito orgulho e a qual irei discorrer ao longo deste trabalho.

Quais caminhos estamos trilhando...

1 INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

Para esta pesquisa, partimos de um referencial amplo de cultura, que a compreende como

conjunto dos traços distintivos espirituais e materiais, intelectuais e afetivos que caracterizam uma sociedade ou um grupo social e que abrange, além das artes e das letras, os modos de vida, as maneiras de viver juntos, os sistemas de valores, as tradições e as crenças (UNESCO, 2002, p.2).

A cultura é marcada pela diversidade. É um conceito imprescindível ao desenvolvimento humano e social e é indispensável garantir seu direito, vide que o direito à cultura é componente dos direitos humanos. Silva *et al.* (2019a) apontam que a defesa dos direitos culturais é a valorização das atividades humanas, dos cotidianos e da diversidade (UNESCO, 2002; SILVA *et al.* 2019a).

Estudos recentes se debruçam em explorar a complexa e multifacetada relação da Terapia Ocupacional e Cultura. A Terapia Ocupacional, devido sua ampla gama de conhecimento e atuação, se torna potência no campo da cultura, ao tecer “elementos para a criação de novas possibilidades para os sujeitos e coletivos em composição com as diretrizes da democracia, da sensibilidade e da diversidade” (SILVESTRINI, 2019, p. 95). Considera-se que terapeutas ocupacionais têm como base de sua atuação as atividades humanas, as quais se correlacionam intrinsecamente com o ser, estar e fazer, sendo própria, diversa e singular de uma existência criativa e cultural. As atividades humanas são potencialmente transformadoras das realidades e possuem em si valores culturais intrínsecos (SILVESTRINI, 2019; SILVA *et al.*, 2019a).

Silvestrini (2019) pontua a necessidade de considerarmos a cultura como “um campo amplo e democrático, diverso e contextualizado, ao qualificá-la como processo de existir, de criar, da expressão dos modos de viver, sentir, fazer, construir ou sonhar” (SILVESTRINI, 2019, p. 61). A Terapia Ocupacional deve constantemente fazer processos de reflexão e crítica para não tecer sua prática pautada em conceitos controladores, enrijecidos e hegemônicos advindos da lógica capitalista, como por exemplo, a contraposição entre a cultura de massa e a Cultura erudita, bem a desvalorização de uma e valorização de outra. Iwama & Simó (2008) vão ao encontro dessas ideias, entendendo que atuações modeladoras de terapeutas ocupacionais no campo da cultura são prejudiciais aos indivíduos e à própria profissão, que acaba por produzir opressão e não emancipação do público com quem trabalha.

Terapeutas ocupacionais vêm desenvolvendo pesquisas, estudos e produzindo conhecimento acerca das dimensões da prática da Terapia Ocupacional e a Cultura. Nesta construção são citadas: dimensão cultural da ocupação, cultura como estratégia e/ou instrumento para a prática, dimensão da cultura como campo e dimensão macro da cultura compreendida como fundamental para a transformação social (SILVA *et al.*, 2019b).

No que tange a dimensão ocupacional, a Federação Mundial de Terapia Ocupacional - WFOT indica que para a Terapia Ocupacional as ocupações são atividades que permeiam o dia a dia e o cotidiano, de modo individual ou coletivo, utilizadas de maneira significativa e com propósito. São atividades que os indivíduos precisam, querem e esperam realizar. A ocupação pode ser considerada uma expressão tanto singular quanto coletiva, constitutiva de uma construção sócio-histórica sendo necessariamente uma expressão cultural.

A ocupação e as atividades humanas são criações sensíveis, subjetivas que tornam possíveis as diversas formas de ser, existir e estar no mundo. A Terapia Ocupacional é uma profissão que tem como princípio a produção e transformação de vida e para isso é necessário compreender a complexidade de fatores que se enovelam e envolvem as experiências humanas. (WFOT, 2010; QUARENTEI, 2007; CASTRO; IVANOFF; MÂRTENSSON, 2014; SILVA *et al.*, 2017).

A dimensão cultural da vida, o direito a existir/ser e se expressar com dignidade depende de um contexto, por isso, revela-se a necessidade de uma atuação que seja respaldada pelo respeito à diversidade e por um compromisso ético-político intrínsecos a um fazer engajado, que zela para reflexividade e pelas terapeutas ocupacionais análise contextual e complexa, pela consideração do afeto em detrimento a neutralidade e a falta de posicionamento. (SILVESTRINI; SILVA; ALMEIDA PRADO, 2019, p. 936).

Sobre a dimensão da cultura como estratégia e/ou instrumento para a prática, Castro e Silva (2007) trazem que desde o final da década de 1980 e início da década de 1990 as atividades artísticas vêm sendo utilizadas como estratégia por terapeutas ocupacionais para trabalhar expressão, criação e produção, destinadas inicialmente às populações marginalizadas que ainda não eram contempladas pela rede e área de atenção à saúde. As práticas artísticas e culturais permitem transformar e re/significar o cotidiano, as relações e tudo que permeia a vida, de modo a possibilitar a criação de novos modos de ser e também envolver o indivíduo em redes de afeto e relações sociais (CASTRO; SILVA, 2007; INFORSATO *et al.*, 2019).

Propõe-se então que arte e cultura são fatores indissociáveis da experiência e vivência humana. “A vivência de criação tem potência clínica, social, cultural, orgânica, política e expressiva” (SILVA, 2014 p. 35), de tal forma que arte é encarada como um mecanismo que atua em sentido oposto à alienação, possibilitando o autoconhecimento e o conhecimento da

realidade. Podemos encará-la como estratégia potente para pensar em estruturas de resistência às violações de direitos que determinados sujeitos cotidianamente sofrem (CASTRO; SILVA, 2002; SILVA, 2014; SILVA *et al.*, 2016).

Compreendemos então a arte e cultura como ferramenta que provoca deslocamentos sensíveis, singulares e coletivos, pois a criação advinda dos processos artísticos e culturais são provenientes da sensibilidade, percepção e experiência dos sujeitos. Habitar e explorar os caminhos e territórios que a arte fornece, através do viés da Terapia Ocupacional, abre diversas possibilidades para conhecer “um universo fascinante constituído de materialidade, espiritualidade, criação, referências, dificuldades, um caminho de busca” (CASTRO; SILVA, 2002, p. 2), pautado pela sensibilidade, observação e expressão. (CASTRO; SILVA, 2002; SILVA, 2014; SILVA *et al.*, 2016).

A terceira dimensão, cultura como campo, se caracteriza pela atuação da Terapia Ocupacional exercida no próprio campo da cultura. Em uma definição por Barros *et al.* (2013) cultura é o

campo em que o alimento intelectual constitui-se indissociavelmente da vida afetiva e produtiva (em termos econômicos e políticos). Por meio dela, dimensões relevantes vão se impondo à observação e análise: religiosidade, a expressão artística, do dizer de si, a narrativa e mesmo uma articulação inseparável do fazer da história e dos laços entre singularidades e coletivo, do fazer econômico e do fazer político (BARROS *et al.*, 2013, p. 587).

Silvestrini (2019) indica que o campo da cultura é o campo no qual a vida acontece, de modo a ser complexo e cheio de enovelamentos, informações e conhecimentos. Tal campo se articula, conversa e vai ao encontro das propostas atuais do “fazer” Terapia Ocupacional, que são pautadas nos valores culturais como símbolos essenciais, direitos de cidadania e possibilidade de desenvolvimento do ser e do existir.

Pesquisas e experiências práticas desenvolvidas nos últimos anos no que tange à cultura indicam que o terapeuta ocupacional é um profissional que possui formação que oferece repertório formativo, inclusivo, engajado e inventivo. A partir de ações inter ou transdisciplinares no campo da cultura, o terapeuta ocupacional articulado a outros profissionais e outras áreas de conhecimento consegue promover resultados efetivos e sensíveis com foco na vida e nas atividades humanas. O terapeuta ocupacional na área da cultura é capaz de transitar entre as áreas de gestão cultural, produção e fruição, por isso consegue promover de forma ampliada e integrada as dimensões simbólicas, econômicas e de cidadania da cultura (SILVA *et al.*, 2017, SILVA *et al.*, 2019.a).

Na dimensão macro para a transformação social, entendemos que a cultura fomenta o protagonismo e potência sociocultural de comunidades. Quando unimos a ela os ideais da Terapia Ocupacional de criar e explorar novas formas de estar e de se relacionar no mundo, é possível promover a inclusão e o acesso cultural, de modo a impulsionar a diversidade. É preciso valorizar culturas e modos de vida que permanecem resistentes ao hegemônico, colonial e capitalista, visto que estes últimos constituem até hoje basicamente um regime cultural e civilizacional (SANTOS; MENESES, 2009; SILVA *et al.*, 2017).

A partir de reflexões críticas e sempre intrinsecamente ligadas ao compromisso ético-político da Terapia Ocupacional, esta dimensão destaca a necessidade dos profissionais de compreenderem a estrutura macrossocial a qual estamos submetidos. É dever do terapeuta ocupacional desenvolver práticas contra hegemônicas com estratégias de resistência à fragmentação, normatização e hierarquização das formas de viver e das vidas em si, bem como reiterar a importância da cultura e das interculturalidades na prática terapêutica ocupacional. (SILVESTRINI; SILVA; ALMEIDA PRADO, 2019).

Barros, Almeida e Vecchia (2007) e Silvestrini, Silva e Almeida Prado (2019) indicam que para cumprir este compromisso ético-político, o terapeuta ocupacional deve estar constantemente se atualizando e se reinventando no que diz respeito a suas compreensões, conceituações e práticas, para que tenha uma atuação condizente com a demanda real das populações com que trabalha, de modo a romper com uma atuação pautada por procedimentos técnicos enrijecidos e pré-estabelecidos. Silvestrini (2019) aponta que a formação do terapeuta ocupacional é fundamental para engajá-lo na militância e na luta pela garantia de direitos, como o direito à cultura e que assim podemos formar profissionais que se pautem mais na cidadania do que na técnica.

Reitera-se que é preciso que a Terapia Ocupacional esteja em permanente questionamento e reflexão “acerca de seus modelos, padrões, posicionamentos, terminologias e éticas com as quais se constituiu como profissão e ciência” (SILVESTRINI; SILVA; ALMEIDA PRADO, 2019, p. 916), para criar condições de maximização da vida em sua complexidade, destacando suas atividades, o cotidiano e a garantia de direitos básicos (SILVESTRINI, 2019; SILVESTRINI; SILVA; ALMEIDA PRADO, 2019).

Ademais,

A terapia ocupacional na interface com a cultura, como um caminho que segue na contracorrente da hegemonia dominante, acolhendo toda a diversidade das atividades e fazeres, dos territórios e localidades, parece ser uma proposta promissora e de resistência, na valorização genuína da vida humana (SILVESTRINI, 2019, p. 139).

A partir das informações até então apresentadas, entende-se as complexas e diversas maneiras que a Terapia Ocupacional pode se relacionar com a Cultura. Compreende-se também como os estudos, pesquisas e referências nessas áreas tem se expandido e a partir disso, a potência da atuação de terapeutas ocupacionais ao trabalharem sobre/com esta interface.

Cada vez mais, diferentes grupos de pesquisa no Brasil têm se debruçado a estudar cultura a partir da óptica da Terapia Ocupacional, correlacionando-a às interfaces da saúde, saúde mental, área social, por exemplo. Migração, pontos de cultura, acessibilidade cultural, memória como patrimônio cultura, cultura juvenil, comunidades tradicionais, indígenas, relações étnico raciais, curadoria e produção cultural são alguns dos temas e práticas que vem sido abordadas atualmente pelos/as pesquisadores/as terapeutas ocupacionais no Brasil, produzindo conteúdo através de artigos, livros, apresentações de trabalho e etc. Pontuamos então a existência de complexas e diversas interfaces Terapia Ocupacional e cultura. É proposto o seguinte questionamento: no Brasil, como os terapeutas ocupacionais vêm exercendo suas ações na interface Terapia Ocupacional e Cultura? Quais práticas vem desenvolvendo, de que maneira, qual o público alvo e onde ocorrem são respostas que buscamos responder.

Justifica-se então a importância desse projeto ao explorar quais práticas vêm sendo desenvolvidas pelas terapeutas ocupacionais no contexto brasileiro, no que diz respeito à interface Terapia Ocupacional e Cultura, levando em consideração que é um campo recente de atuação, porém em constante expansão. As referências bibliográficas referentes a esta área ainda estão em processo de construção e solidificação, o que reitera a importância de compreender, relatar e registrar as práticas para que possam ser utilizadas na elaboração de teoria e conhecimento.

2 OBJETIVOS

Objetivo Geral:

Identificar quais são as práticas que terapeutas ocupacionais vêm desenvolvendo na interface Terapia Ocupacional e Cultura no Brasil.

Objetivos Específicos

- Promover o mapeamento de profissionais que tem como área de atuação a interface Terapia Ocupacional e Cultura;
- Identificar quais as demandas, a população alvo, o local/espço;
- Identificar quais referenciais teóricos profissionais que tem como área de atuação a interface Terapia Ocupacional e Cultura utilizam;

- Documentar e divulgar os relatos de modo a contribuir com a construção de conhecimento da área.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A atual pesquisa possui caráter qualitativo. Silva e Barros (2010) apontam que a Terapia Ocupacional no Brasil utiliza muito a abordagem qualitativa em seus estudos, a partir do entendimento que apenas dados quantificáveis e análises estatísticas muitas vezes não são suficientes para compreender os contextos sociocultural, histórico econômico do nosso objeto de pesquisa, bem como os significados, valorações, emoções e subjetividade.

O objetivo geral deste estudo foi identificar quais são as práticas que terapeutas ocupacionais vêm desenvolvendo na interface Terapia Ocupacional e Cultura no Brasil. Vinte e dois (22) profissionais foram contatados entre os meses de janeiro e fevereiro de 2021 via e-mail. O critério para escolha dos convidados foram: profissionais formados em Terapia Ocupacional que se debruçam em sua área de atuação ou de estudo/pesquisa a interface Terapia Ocupacional e Cultura foram; vinculação ao grupo de pesquisa Atividades Humanas e Terapia Ocupacional – AHTO, cadastrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq. Os e-mails enviados continham texto explicativo sobre a pesquisa e uma imagem convite (figura 1), em anexo uma carta convite (Apêndice A) para a participação da pesquisa através de um (1) encontro remoto realizadas via plataforma Google Meet® para evitar o deslocamento e interação pessoal respeitando as regras sanitárias de enfrentamento à pandemia do COVID-19, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE (Apêndice B) e o roteiro da entrevista semiestruturada (Apêndice C).

Figura 1 - Imagem convite



Fonte: autoria própria

Dentre os vinte e dois (22) convidados, catorze (14) aceitaram, das quais catorze (14) são mulheres, e tiveram disponibilidade de contribuir com a pesquisa. Dez (10) entrevistas foram feitas entre os meses de maio e abril de 2021, sendo estas: oito (8) entrevistas individuais, uma (1) entrevista individual na qual a profissional colaboradora representou as demais convidadas de que atuam em sua Instituição de Ensino Superior (tabela 1 e 2) e uma (1) entrevista coletiva com cinco (5) convidadas (tabela 3). As entrevistas tiveram duração entre quarenta e cinco (45) minutos e duas horas e 20 minutos (2h20min).

Tabela 1 - Entrevista individual: docentes

Nome	Instituição	Data	Horário Início	Horário Final
Roberta Furtado	Instituto Federal do Rio de Janeiro - IFRJ	03/02/2021	14:15	15:09
Cleber Cirineu	Universidad Austral De Chile - Chile	04/02/2021	15:15	15:09
Colaboradora I	Universidade Federal de Santa Maria - UFSM	09/02/2021	14:00	15:04
Erika Inforsato (PACTO)	Universidade de São Paulo - USP	23/02/2021	15:15	16:16
Renata Mecca	Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ	08/03/2021	09:50	10:44
Grasielle Silveira Tavares	Universidade Federal de Brasília - UnB	22/04/2021	15:14	16:45
Flávia Liberman	Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP	29/04/2021	17:30	18:32

Fonte: autoria própria

Tabela 2 – Entrevista individual: técnicas

Nome	Instituição	Data	Horário Início	Horário Final
Isadora Cardinalli		28/01/2021	14:15	15:20
Marina Silvestrini		26/05/2021	09:35	10:24

Fonte: autoria própria

Tabela 3 - Entrevista coletiva

COLETIVO PROCult				
Nome	Instituição	Data	Horário Início	Horário Final
Beatriz Girão	Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM	24/02/2021	13:40	16:00
Cláudia Franco Monteiro				
Heliana Castro Alves				
Marina Leandrini de Oliveira				
Paula Tatiana Cardoso				

Fonte: autoria própria

3.1 Coleta de dados

A coleta de dados se deu através de entrevistas de caráter semiestruturado com roteiro produzido especificamente para os fins desta pesquisa. O roteiro apresentou alguns tópicos prévios, tais como trajetória profissional da terapeuta ocupacional, exemplos de práticas, potencialidades e desafios, especificidades da Terapia Ocupacional e Cultura. O roteiro semi estruturado permitiu que os terapeutas ocupacionais tivessem liberdade para apontar e discorrer sobre o que consideram ser relevante. De acordo com Lakatos e Marconi (2003) a entrevista tem como vantagem a possibilidade de “obtenção de dados que não se encontram em fontes documentais e que sejam relevantes e significativos” (p.198). Deste modo, este método se faz pertinente nesta pesquisa visto que

a entrevista, que visa obter respostas válidas e informações pertinentes, é uma verdadeira arte, que se aprimora com o tempo, com treino e com experiência. Exige habilidade e sensibilidade: não é tarefa fácil, mas é básica. Quando o entrevistador consegue estabelecer certa relação de confiança com o entrevistado, pode obter informações que de outra maneira talvez não fossem possíveis (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 199).

As entrevistas foram gravadas em formato de vídeo e áudio e foram transcritas na íntegra.

4 PROCEDIMENTOS ÉTICOS

Ressalta-se que os procedimentos éticos foram utilizados durante todas as etapas da pesquisa, de modo a manter respeito à integridade das profissionais participantes, sendo assim uma realizada de acordo com os princípios da moral e cidadania.

Todos os participantes foram convidados a participar voluntariamente da pesquisa, seguindo todos os preceitos das regras de boas práticas em pesquisa e da Ética em Pesquisa com seres humanos. A pesquisa foi enviada e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos. Todas as participantes autorizaram o uso das informações obtidas a partir das entrevistas anuindo o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) seguindo os procedimentos éticos da resolução 196/1996 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 1996). O TCLE foi enviado para os convidados via e-mail logo no primeiro contato, de modo que foram fornecidas todas as informações necessárias sobre a pesquisa para consentir sua participação, caso o queira.

A abordagem desta pesquisa considerou que os profissionais convidados a colaborar com a pesquisa estão criando e ampliando o campo da Terapia Ocupacional e Cultura no Brasil, de modo que, com devido consentimento, a divulgação do nome enquanto contribuinte foi muito potente para que sejam enunciadas, nomeadas e reconhecidas as pessoas referências no

tema do estudo. Também consideramos a cooperação entre colaboradores e pesquisadores em sua construção metodológica, entendendo a importância dos mesmos no processo e essência do estudo, prezando por produções de divulgação que sejam também de autoria compartilhada.

Ao final da entrevista, foi perguntado a cada participante se preferiria que seu nome fosse divulgado ou não. Dos 14 contribuintes, 13 consentiram sobre a divulgação de seu nome e uma pessoa optou pelo anonimato, de modo a ser identificada como Colaboradora 1, tendo sua privacidade assegurada de modo a não ser possível sua identificação. Todas as colaboradoras autorizaram a divulgação dos dados colhidos durante a entrevista para compor a atual pesquisa.

Ressalta-se que a pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, pela Plataforma Brasil (CAAE: 38488820.6.0000.5504).

5 ANÁLISE DE DADOS

Os dados coletados a partir das entrevistas e das transcrições autorizadas foram organizados em quatro grandes tópicos: exemplos de prática; conceitos definições e especificidades; desafios e dificuldades; potencialidades.

5.1 Exemplo de práticas

*“A população que a TO trabalha com cultura são as populações que têm histórias, qualquer pessoa que faça... que aconteça, que viva, que respire, que faça atividades, que esteja ali contando a sua história, traçando seus diálogos, fazendo coisas pelo mundo”
(Marina Silvestrini).*

A pesquisa buscou compreender a população com a qual os terapeutas ocupacionais estão trabalhando na interface da Terapia Ocupacional e Cultura. A figura 2 representa os termos que mais apareceram durante os relatos.

Figura 2 - Nuvem de palavras: populações



Fonte: autoria própria

Os termos, em geral, expressam a heterogeneidade e diversidade da população em questão. A atuação junto às populações heterogêneas coloca-se como parte intrínseca da Terapia Ocupacional: a profissão busca realizar práticas centralizadas na valorização da diversidade e potencialidades singulares e coletivas (SILVA *et al.*, 2019b; SILVESTRINI, 2019). Assim, Marina coloca:

“Acho que não tenho um termo específico. Porque a população que a TO trabalha com cultura, são as populações que têm histórias, então qualquer pessoa que faça, que aconteça, que viva, que respire, que faça atividades, que esteja ali contando a sua história, traçando seus diálogos, fazendo coisas pelo mundo.. Porque isso é a questão da cultura que é importante: a genuinidade de ser, né. Então você produz cultura existindo e aí como que você valoriza isso. Então, não tem, acho, um público alvo. Eu chamaria de pessoas e suas histórias” (Marina Silvestrini).

O Plano Nacional de Cultura - PNC é um “conjunto de princípios, objetivos, diretrizes, estratégias, ações e metas que orientam o poder público na formulação de políticas culturais” (BRASIL, 2010). O PNC aponta a dimensão cidadã como uma das dimensões da cultura, entendendo a cultura como um direito básico do cidadão.

Os direitos culturais devem ser garantidos com políticas que ampliem o acesso aos meios de produção, difusão e fruição dos bens e serviços de cultura. Também devem ser ampliados os mecanismos de participação social, formação, relação da cultura com a educação e promoção da livre expressão e salvaguarda do patrimônio e da memória cultural (BRASIL, 2010, p.19)

A cidadania aparece no relato de Grasielle:

“É muito difícil nomear, mesmo. Eu acho que eu colocaria que eu trabalho com cidadãos, eu trabalho com essa questão de os sujeitos ganharem ali a frente das suas vidas, seus fazeres, se mostrarem pro mundo, independentemente da idade, de quem eles são e quebrar um pouco essa coisa dos rótulos.” (Grasielle Tavares).

Flávia, Isadora e Colaboradora 1 propõem que o trabalho dos terapeutas ocupacionais na cultura se dá em conjunto com “pessoas”, que nas palavras de Flávia: *“Eu gosto sempre de pensar nas pessoas comuns. Suas vidas comuns que são extraordinárias. Comuns e extraordinárias.”* Isadora discorre:

“Eu trabalho com pessoas. Mas isso também de alguma forma, não é tão simples assim. Acho que pessoas que tem alguma relação ou vínculo com serviços, que a gente foi desenvolver as ações, nos serviços públicos ou privados. Ou também com a própria comunidade, coletivos, de artistas, de expressões. Eu acho que tem alguma coisa que é um vínculo com algum coletivo, comunidade. Essa coisa da vinculação com algum contorno, algum território de pertencimento, alguma relação, seja frágil ou seja bem fortalecida. Às vezes a gente vai inclusive pra fortalecer a relação de pertencimento.” (Isadora Cardinalli).

“Eu trabalho com pessoas. Com pessoas que vêm interessadas nesses fazeres com os quais eu trabalho. Com as práticas corporais, com as práticas artísticas, com a necessidade de fruição em arte, com práticas de fruição em arte. Com isso que eu trabalho. E com as pessoas que se interessam por essas ações.” (Colaboradora 1).

Cleber reforça a heterogeneidade da população na interface com a cultura, já que que em qualquer campo e com qualquer faixa etária, ele estará atuando a partir de uma visão cultural:

“A gente trabalha com qualquer população. Qualquer população que aparecer agora, eu vou ter essa visão de cultura, de território, de corpo. Eu estou trabalhando com gente, independente da classe social, econômica, a gente tá trabalhando com gente. E isso facilitou muito minha vida, quando eu passei a pensar dessa forma, sabe.” (Cleber Cirineu).

É possível encontrar pontos comuns na diversidade e heterogeneidade e assim entender a importância de

valorizar a diversidade com provocação para revisões teóricas e para formulações novas de ação em Terapia Ocupacional significa reconhecer que há um público-alvo diferenciado entre si de muitas formas, mas cada pessoa combina identidades e realiza identidades plenas a partir de únicas marcas de identificação comuns (BARROS, ALMEIDA, VECCHIA, 2007, p. 113).

Roberta corrobora com esta proposição, citando o projeto que desenvolve no Instituto Federal do Rio de Janeiro - IFRJ, “Outros Comuns”:

“No próprio projeto (Outros Comuns), a gente tinha colocado pessoas em situação de vulnerabilidade. A gente sabe que isso é um grande público. Então a gente foca realmente nessa população heterogênea, recorte de pessoas em situação de vulnerabilidade, entendendo principalmente que a gente quer focar no trabalho com pessoas que historicamente já são alijadas dos direitos culturais... de vários direitos, incluindo os direitos culturais, de acesso, de produção e de fruição da cultura. E a gente pensa um pouco que dentro dessa população toda heterogênea que a gente tá nomeando e tenta em algum momento unir, relacionar e fazer movimentos que possam permitir o diálogo dessas pessoas e dessa população realmente heterogênea pra garantir um diálogo. Onde, na diversidade, a gente encontra pontos em comum? Por isso “Outros Comuns”. Quando a gente fala em comum, a gente não quer que todos pensem igual ou que todos tenham a mesma ideia ou tenham o mesmo interesse, mas sim como a gente descobre nessa diversidade de pensamentos, de experiências, experimentações na cidade, pontos em comum que a gente pode abrir diálogos, sabe?”. (Roberta Furtado)

Flavia expande o diálogo, trazendo a reflexão sobre Terapia Ocupacional na interface da cultura, heterogeneidade e diversidade e grupos:

“A heterogeneidade dos grupos, essa coisa de poder misturar as pessoas, de não ficar restrito ao seu quadradinho, “grupo disso, grupo daquilo”. Essa possibilidade de aproximação. “Comunidade geral”, “portador ou não de qualquer tipo de deficiência”, “interessados no tema”, “pessoas que gostam de dançar”, pessoas que querem viver uma experiência, um processo de criação. O que é importante é que os grupos sempre tenham a questão da inclusão de certa forma. De que ele seja aberto sempre para toda e qualquer pessoa pode fazer parte. É sempre no sentido de abertura, nunca no sentido de fechamento, restrição.” (Flávia Liberman).

Silva *et al.* (2016) aponta que muitas vezes em decorrência da pluralidade e complexidade de características, comportamentos e fazeres, bem como da lógica neoliberal e capitalista, o indivíduo não encontra lugar para existir na diversidade sem esbarrar em violações amplas de seus direitos básicos. Destacamos que independente do termo a ser utilizado, é imprescindível que a terapia ocupacional compreenda e atue nos processos de desigualdades e de exclusão intrínsecos aos processos de vida da maior parte da população. (SILVA *et al.*, 2016; SILVESTRINI, SILVA, PRADO, 2019).

5.2 Conceitos, definições e especificidades

5.2.1 Terapia Ocupacional e Cultura: campo, interface ou outros?

A partir dos relatos, procuramos também investigar conceitos e terminologias utilizadas pelos profissionais colaboradores que trabalham com a terapia ocupacional e cultura: a cultura seria um campo? Uma interface? A nuvem de palavras da figura 3 apresenta alguns dos termos que pudemos coletar.

Figura 3 - Nuvem de palavras: definições



Fonte: autoria própria

Alguns profissionais, como Roberta, preferem utilizar o termo interface para descrever suas práticas no âmbito da cultura: “*Nem sei se eu posso dizer que é campo e se eu quero dizer que é campo, sabe? Eu acho que é o trabalho da TO na interface com a arte e com a cultura.*”. Flávia também utiliza este termo, e faz uma provocação para essa interface também a arte e corpo:

“Eu sempre queria pensar TO e cultura não só TO e cultura. Sempre quando a gente discutiu o GT [grupo de trabalho], a gente sempre falou “ó, vamos falar corpo, arte e cultura”. Ampliar um pouco. Porque vou te falar a verdade, eu particularmente estou trabalhando com cultura, mas não é um conceito que eu me debruço. Eu acho que a gente poder ampliar essa discussão de TO e Cultura. Então, ó, estou te incomodando aí, né. Não é ser TO e Cultura, é TO, arte e cultura e as interfaces. Porque é um campo de interfaces.” (Flávia Liberman).

Compreendemos então que é pertinente refletir sobre campo e/ou interface das artes ao pensar Terapia Ocupacional e Cultura. Castro e Silva (2002) apontam que linguagens artísticas são muito potentes para o desenvolvimento e criação de novas formas de experimentação social e cultural:

A linguagem artística consegue formular a complexidade e a fluidez dos sentimentos e a integração de vários níveis de significados [...] assim, podemos tomar conhecimento das possibilidades singulares de cada sujeito, abrir novas rotas criativas, reunir conhecimentos de diversas áreas, dar início a novos processos. (CASTRO, SILVA, 2002, p.4).

Entretanto, Cleber aponta que ao discorrer sobre cultura ainda muito se remete às atividades artísticas, tais como dança, teatro e música. Ele entende que ir além desta noção está sendo um descobrimento da própria Terapia Ocupacional. Da mesma maneira, Silvestrini (2019) apresenta que é importante que se faça a diferenciação entre arte e cultura e que as artes compõem o denominando de campo cultural. Isadora e Colaboradora 1 vão ao encontro dessa proposta:

“Eu acho que dá pra desenvolver e estar na cultura sem as artes. Eu acho que isso é uma coisa importante de falar porque tem gente que não consegue. Acha que a gente para gente falar de cultura, a gente precisa falar das artes. Eu não entendo isso. Mas na minha vida, eu nunca fiz isso separado, porque acho que era um interesse meu. Então, a forma com que eu consigo ver, eu não separo. Para mim, o campo das artes é muito importante. Tanto das artes como essa relação com o corpo, da dança, enfim. Mas não preciso estar necessariamente num centro cultural pra poder estar fazendo uma prática de cultura.” (Isadora Cardinalli).

“A gente não trabalha só na interface com a arte. A gente trabalha também com populações que tradicionalmente não são entendidas como alguém que pode produzir algo que seja significativo, que venha ser significado como artístico. E será que precisa? De que sistema de arte eu estou falando? O que significa chamar artístico isso ou não? Porque daqui a pouco estou chamando um troço de artístico e estou piorando a potência daquilo ao invés de estar ampliando a potência.” (Colaboradora 1).

Observamos também que há busca por uma diferenciação entre o que seria interface da Terapia Ocupacional e Cultura e o campo da Cultura na Terapia Ocupacional. Renata em seu relato conta:

“Eu entendo que a terapia ocupacional ainda tem um caminho muito longo para fortalecer o seu trabalho no campo da cultura. Mas no CAMPO da cultura. Isso não quer dizer que a gente já não trabalhe na interface com a cultura há muito tempo, há muitos e muitos anos. Eu acho que isso produz uma marca muito singular para o trabalho da TO no campo da Cultura, que é de sempre pensar no acesso a todos. Sempre pensar na participação sociocultural das populações e grupos heterogêneos. Sempre pensar na criação de espaços comuns pra compartilhamento das expressões dos modos de vida. (Renata Mecca).

Atualmente, terapeutas ocupacionais têm feito a defesa da existência do campo da cultura como uma das dimensões da Terapia Ocupacional e cultura. Silva *et al.* (2019a) retrata que

no hay manera de reducir la acción terapéutica ocupacional, sino expandir, ganar mundos, explorar dimensiones simbólicas y concretas, así se tiene la cultura como campo esencial de intervención, experimentación y acción, estrategia de intervención, militancia y de cuidado (SILVA *et al.*, 2019, p 112).

Corroborando com esta proposição, Paula aponta a importância da construção e consolidação do campo da cultura como forma de afirmação da presença da Terapia Ocupacional neste contorno, mas sempre de maneira crítica, não hierárquica e não totalitária:

“Nesse momento eu vejo que é importante a gente falar de campo. TO no campo da cultura, até para gente ampliar nossas possibilidades de atuação, de pensar “a gente tem potência pra isso”, pressionar as políticas públicas. Ignorar ou não considerar a construção de campos ou fortalecimento de campos, eu acho que é perder espaços de prática e de contribuir com movimentos políticos. Eu acho que o risco que a gente corre, estando principalmente na academia, é se limitar a essas compreensões e se prender às disputas. Então é essa linha muito tênue entre se localizar num campo e ao mesmo tempo sair dele, sabe? Então o campo, eu acho importante. Espero que se valorize e que se fortaleça na TO, mas não como algo totalitário que se perca nas disputas. Sempre nessa conversa e a gente compreendo que o mais importante são esses campos servindo à complexidade, à universalidade e à pluralidade das experiências.” (Paula Cardoso).

Observamos também que, para alguns profissionais, a cultura pode ser enxergada como eixo norteador para se pensar nas práticas da Terapia Ocupacional:

“A questão da cultura, ela tá mais que qualquer coisa como esse central para mim. Para eu pensar o mundo e pensar as práticas de TO. E numa conexão importante de ato na prática, na atuação, com a construção do campo da cultura também.” (Paula Cardoso)

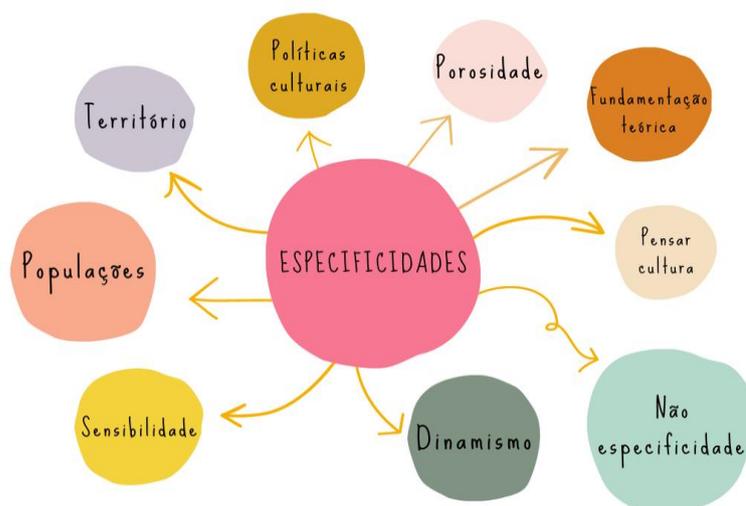
Silvestrini (2019) traz a noção de “lente cultural”, a qual seria uma maneira baseada na sensibilidade, crítica e ética de crítico e ético de interpretar o mundo valorizando a diversidade. Essa noção se aproxima à noção de “eixo” relatada por Paula.

5.2.2 Especificidades

“Tem uma especificidade da atuação no campo da cultura, mas a cultura só faz sentido se ela é aberta à vida” (Renata Mecca).

Outro questionamento levantado foi acerca de especificidades conceituais ou práticas na interface Terapia Ocupacional e Cultura. As especificidades citadas estão retratadas na figura 4.

Figura 4 - Especificidades



Fonte: autoria própria

Isadora aponta que, se de um lado é importante lutar para desmanchar as categorizações e divisões que persistem atualmente na Terapia Ocupacional, por outro, uma especificidade da Terapia Ocupacional e Cultura se faz importante na legitimação e reconhecimento do campo:

“Embora eu tenha essa dificuldade das “caixinhas”, por eu achar que a gente tenha que desmanchar mais do que formar, essas caixinhas são importantes, principalmente para legitimar entre nós, terapeutas ocupacionais. É uma especificidade que eu acho que ajuda a dar uma desmontada, mas também que é importante ter esse adensamento. Então eu espero que esse campo possa possibilitar para TO mais desses diálogos gerais, porque qualquer atuação de TO deveria ou poderia estar nessa relação de olhar para cultura. Mas também existe ações culturais que são específicas e elas precisam estar em algum lugar.” (Isadora Cardinalli).

Uma especificidade apontada foi a população com a qual a Terapia Ocupacional se propõe trabalhar na área da cultura, assim como discorre Roberta:

“Aproximar de populações que são historicamente alijadas dos direitos culturais de um modo geral e que muitas vezes não são reconhecidas em seus modos de vida, em sua cultura. Então acho que a Terapia Ocupacional nesse campo trabalha muito com essa população. Entende que população que eu estou falando? É uma população heterogênea, mas que tem um certo escopo comum que fala, de alguns modos de vida que não são reconhecidos culturalmente no nosso país.” (Roberta Furtado).

Silva *et al.* (2019b) aponta que o terapeuta ocupacional, a partir de seu repertório crítico, inclusivo e engajado é potente no campo cultural. Da mesma maneira, o campo cultural oferece diversas possibilidades para que o terapeuta ocupacional expanda seu arcabouço de conhecimentos, de modo a ampliar seu repertório de estratégias e abordagens. A fundamentação teórica para atuar no campo da cultura foi indicada como especificidade e aparece nas falas de Renata e Heliana:

"Uma especificidade desse campo é a gente entender que a gente precisa se munir das políticas culturais, entender quais são as políticas culturais. Estudar, fazer, caminhar pelos estudos culturais, as diferentes compreensões de cultura. São muito importantes para gente poder se localizar e entender a partir de que visão de cultura você está trabalhando. Isso faz muita diferença. E também se munir desses repertórios metodológicos que advém desse campo. Então eu acho que a gente se instrumentalizar nesse sentido, teórica metodologicamente e, em especial, conhecer as políticas culturais para poder fazer, a partir delas, o exercício da cidadania cultural das pessoas que a gente vai acompanhar nesse caminho dentro desse campo. Isso é uma coisa importante que não acompanha a TO desde sempre e tem sido um investimento importante do campo da TO na cultura, sem dúvida alguma." (Renata Mecca).

"Eu acho que a fundamentação teórica é muito específica no campo da cultura. Existe aí uma brecha para um universo na academia que a gente ainda precisa conhecer. Cultura é uma coisa muito ampla, inclusive, cultura não é só arte e cultura. Arte e cultura é apenas uma expressão cultural. Então, cultura são modos de vida, modos de pensar..." (Heliana Dias Castro).

Essa fundamentação teórica torna possível que nos localizemos nos mais diversos equipamentos de cultura: *"Quando eu posso habitar os equipamentos do Sistema Nacional de Cultura e entender que ali e desde ali também se faz um trabalho em TO, vai favorecendo, para mim, uma compreensão de que tem singularidade sim na atuação nesse campo."* (Colaboradora 1).

Renata também aponta a porosidade do campo da cultura como algo específico:

"Tem uma especificidade da atuação no campo da cultura, mas a cultura só faz sentido se ela é aberta a vida. Então eu acho que essa porosidade do campo tem que se manter aberta." (Renata Mecca).

Silva *et al.* (2019a) defende uma atuação sensível e crítica da Terapia Ocupacional e cultura "que denuncia las cicatrices de la lucha contra un régimen jerárquico y opresor, pero que también muestra las potencias de acción y fuerzas de resistencia para vivir y crear" (SILVA *et al.*, 2019a, p. 112). Essa característica aparece como uma especificidade no relato de Isadora,

entendendo a sensibilidade, deslocamento e crítica como especificidades da Terapia Ocupacional e cultura:

"Acho que de especificidade tem a coisa que eu já falei que é a sensibilidade. De alguma forma, esse desenvolvimento do sensível, de uma relação da experiência sensível, que alguns teóricos vão dizer que é um pouco o papel das artes. Desenvolver essa conexão do sensível, do que é sensível na humanidade. Então eu vou dizer três coisas: o sensível/a sensibilidade, o deslocamento e a crítica. Porque eu acho que uma coisa está conectada com a outra: a gente se sensibilizar às afetações para gente poder se mobilizar e se movimentar para essa transformação, mudança... O que a TO espera mobilizar no mundo, mas que também tem que ser feita com a crítica, nessa relação do vai e vem." (Isadora Cardinali).

Há também profissionais que apontam a não necessidade de estabelecer uma especificidade, visando romper com um movimento de fragmentação e categorização existente na Terapia Ocupacional. Flávia e Cleber discorrem:

"Eu acho que a gente fica categorizando... Existem lutas corporativistas dentro da Terapia Ocupacional. Existem tensões dentro do campo e eu não sou a favor, por exemplo, de uma TO cultural. Não sou. Porque eu acho que toda TO tem uma dimensão cultural, mesmo que seja trabalhando numa reabilitação física ou na saúde mental. Mas a TO tem um modo de pensar que é ou por contexto ou por população. E eu acho que, para mim, eu penso transversalizando essas categorizações." (Flávia Liberman).

"Eu acho que todo terapeuta ocupacional deveria visualizar cultura, porque não tem como pensar qualquer população se a gente não pensar em cultura. E cultura que eu falo talvez eu traduziria como modos de vida. Então eu acho o importante pensar cultura e por isso eu falo que todo TO deveria partir dessa perspectiva: TO, cultura, território. Porque se a gente entende os modos de vida onde essas pessoas estão vivendo é mais fácil tratar, é mais fácil de aproximar, é mais fácil poder ajudar." (Cleber Cirineu).

Marina, então, expressa a Terapia Ocupacional e Cultura como "uma terapia ocupacional completa, sem adjetivos, uma terapia ocupacional íntegra":

"Terapia ocupacional da cultura para mim é uma terapia ocupacional completa. Sem adjetivos. É uma terapia ocupacional íntegra. Integral. Não tem um público alvo, são pessoas, então as pessoas estão nos variados lugares. Então, sendo terapeutas ocupacionais, a gente tem a possibilidade de, em qualquer lugar que estivermos, trabalhar com a cultura. Porque olhar cultura é olhar aquele sujeito e pensar "nossa, de onde ele vem? o que ele faz? quais são as produções de vida daquela pessoa?". Trabalhar com cultura é isso. Seriam essas especificidades." (Marina Silvestrini).

Cleber indaga também que talvez, se exista uma especificidade, ela ainda está em construção:

“E não sei se um dia a gente vai ter alguma coisa muito delimitada, muito pronta, que a gente vai falar assim “não, isso é TO e Cultura”. Porque a cultura é muito dinâmica. Assim como a TO, tem que ser dinâmico. Então eu acho que não vejo hoje uma especificidade formada, delimitada.” (Cleber Cirineu).

5.3 Desafios

“Eu acho que teve um desafio de um reconhecimento, dessas temáticas, dessas questões, desse modo de fazer TO e pensar TO há um tempo atrás. O campo da cultura parece que sempre fica pra depois.” (Flávia Liberman).

Buscamos compreender quais desafios e dificuldades nossos colaboradores identificaram e identificam para exercer sua atuação, seja no âmbito da pesquisa ou no âmbito da prática. A nuvem de palavras representada na figura 5 destaca alguns desses desafios.

Figura 5 - Nuvem de palavras: desafios



Fonte: autoria própria

Um dos desafios encontrados e citados pelos contribuintes desta pesquisa foi a própria formação em Terapia Ocupacional. Compreende-se que uma formação tecnicista e majoritariamente biomédica é insuficiente para preparar um terapeuta ocupacional para sua atuação profissional, vide que a atuação em Terapia Ocupacional tem seu cerne nas relações. Desse modo, discentes necessitam de uma formação que lhes dê suporte para “construir um

corpo que possa sustentar os encontros com outros corpos, acolhendo momentos de impasse e dor e criando, do interior desses encontros, caminhos e possibilidades de seguir na existência, de modo criativo e formativo” (INFORSATO *et al.*, 2019, p. 138). Marina e Colaboradora 1 apontam que:

“Não é todo terapeuta ocupacional que tem uma formação voltada para políticas públicas, para direitos, para discutir tudo isso. Existe sim a formação mais técnica. E essa formação tecnicista... não é que ela é ruim, é que ela precisaria... A gente enxerga que no Brasil, principalmente, falando como brasileiros, no nosso cenário, no nosso contexto, a gente não teria como não ter essa formação mais ampla, entendeu? A gente precisa considerar as realidades, histórias, os contextos.” (Marina Silvestrini).

“Eu acho que um dos principais desafios é a formação. Acho que essa formação não é comum nos vários cursos de TO. Acho que tem muitos lugares que a gente ainda não fala sobre esse campo, não atua, não desenvolve práticas. Acho que a própria compreensão de que é um campo de atuação também nos leva a não buscar trabalhar desde o Sistema Nacional de Cultura, mas desde a saúde, desde a assistência social, a gente faz essas pontes.” (Colaboradora 1).

O desafio na formação implica em um desafio de ser docente em Terapia Ocupacional nas Instituições de Ensino Superior - IES, já que estas foram criadas, majoritariamente, a partir de um modelo biomédico organicista. Romper com modelos de ensino e aprendizagem que restringem a atuação da Terapia Ocupacional à saúde é um dos objetivos dos docentes que estão se propondo a pensar Terapia Ocupacional e cultura, ampliando campos, acolhendo a complexidade e diversidade de conhecimentos além daqueles consolidados academicamente a partir do modelo hegemônico (CARDOSO *et al.*, 2019; INFORSATO *et al.*, 2019). Inforsato *et al.* (2019) coloca experimentações como estratégias de aprendizagem para expandir o escopo que o discente vivencia na graduação:

*É, portanto, na busca de uma outra saúde e na invenção de formas de ensinar e aprender que as dimensões do corpo, da criação e da subjetividade podem ser articular, interferindo-se mutuamente e produzindo, a partir dessas relações, outros mundos e sensibilidades, e um modo de fazer terapia ocupacional investido na multiplicidade (INFORSATO *et al.*, 2019, p. 151).*

Claudia e Colaboradora 1 articulam sobre a dificuldade devido a uma formação ainda voltada à perspectiva da saúde:

“Eu acho que a TO precisa muito fazer essas transversalidades para deixar essa coisa da saúde, é um passo que a gente tem que dar à frente na nossa profissão. A gente fala do campo social na perspectiva da saúde, como se a saúde fosse a linha que delinea tudo e para

mim é o social que delinea tudo. A arte realmente é muito importante, ela alcança um lugar que o biomédico não alcança. Ótimo, beleza. Só que ela continua dentro de uma perspectiva prescritiva e nós da TO também. Então os alunos tem essa ideia “a gente vai fazer o que?”, como se tivesse uma atividade que tem que prescrever para chegar em tal resultado. Então cultura por si só, não. O social por si só, não. Saúde por si só, não. Tem que tudo ser prescritivo. É outra desconstrução que nós, TOs, temos que fazer.” (Cláudia Franco Monteiro).

“Como é que eu ensino que para gente atuar junto com o artista no equipamento de cultura, o terapeuta ocupacional precisa de outros conhecimentos, que não só os que ele aprende no campo da saúde? A gente precisa de outras fundamentações.” (Colaboradora 1).

Compreende-se a potência da formação em Terapia Ocupacional de superar muros das IES a partir de processo de desterritorialização, promovendo novas formas de estar na Universidade através de vivências e experiências sensíveis. Para promover transformação, precisamos também estar abertos para sermos transformados: “a grande beleza de vivenciar os fazeres na comunidade [...] é a disponibilidade para se deixar afetar pela riqueza de conhecimento produzido a partir de tensões e dilatações no fluxo do pensamento que delinea toda trajetória interativa.” (CARDOSO *et al.*, 2019, p. 277). Habitar o espaço do sensível muitas vezes se coloca como um desafio:

“Principalmente estando na docência, eu acho que é um desafio muito grande que o aluno consiga entender esse tipo de produção, entendendo que a produção sempre é caracterizada de uma maneira muito racional. E é lógico, a gente sempre faz as constituições teóricas, mas tem um espaço do sensível, sabe? Que é olhado e que eu acho que é um desafio muito grande porque não é um espaço que todo mundo se sente à vontade pra estar e que então, pensando em formação, eu acho muito, muito difícil que os alunos consigam compreender. Não só os alunos...” (Grasielle Tavares).

Desta maneira, Cardoso *et al.* (2019) indica a necessidade de criar espaços que exercitem a conexão do aporte teórico e as vivências práticas na graduação. Desses encontros podem surgir frustrações, encantamentos, dúvidas, certezas e assim produzir potência em ser terapeuta ocupacional e potência na vida.

A necessidade de mais artigos e publicações, de modo a sistematizar práticas sobre a interface da Terapia Ocupacional e cultura, bem como as práticas que os terapeutas ocupacionais vêm desenvolvendo nesse âmbito, foi citada por Cleber, entendendo que essas publicações ampliam o alcance e compartilhamento dessas experiências.

“Eu acho que a gente precisa de muito estudo ainda. Eu acho que a gente faz muito, mas a gente publica muito pouco. Então, quando a gente vai pesquisar, a gente tem uma

deficiência de artigos, de publicações. Acho que a gente precisa publicar muito, que precisa estruturar escritura, sabe. A gente precisa sistematizar mais as nossas práticas porque a gente faz muita coisa, mas a gente deixa perder e não compartilha com as outras pessoas. Porque quando a gente publica, a propagação atinge muito mais pessoas.” (Cleber Cirineu).

“Eu sei que muita gente trabalha com cultura, trabalha com diversidade, mas a gente não encontra materiais para ler. Por exemplo, eu estou na formação de profissionais, seria muito importante a gente ter algumas coisas concretas, para leituras, para passar em sala de aula.” (Cleber Cirineu).

Outro desafio apontado foi o próprio campo da cultura, bem como sua visibilidade, reconhecimento e as políticas públicas culturais, especialmente no cenário político atual:

Pensar a terapia ocupacional no cenário atual, considerando as dimensões políticas e econômicas, é um desafio e uma necessidade ética. Manter o foco em práticas e proposições inclusivas que acolham, agreguem e produzam potência em meio uma racionalidade contemporânea que fragmenta, insiste na individualização e desvalorização de grande parte da vida humana, tais abordagens podem representar resistência às hegemonias que nos guiam (SILVESTRINI, SILVA, PRADO, 2019, p. 930).

Apesar da cultura ser um direito básico de todo e qualquer cidadão, barreiras são encontradas para a garantia desse direito, expondo a fragilidade e negligência relacionada aos direitos culturais. Entende-se que as políticas culturais são recentes e insuficientes para manter e garantir a direito à cultura em sua integralidade para toda população, sobretudo quando essas políticas estão submetidas fortemente a uma lógica capitalista, patriarcal, colonial e neoliberal (SILVA *et al.*, 2016; SILVESTRINI, 2019; SILVESTRINI, SILVA, PRADO, 2019). Com a extinção do Ministério da Cultura em 2019 pelo governo de Jair Bolsonaro, as tendências não são animadoras. Marina e Flávia contam um pouco como a política impacta nas ações na área da cultura:

“A pauta da cultura, o próprio campo da cultura é um campo muito difícil porque ele está sempre na corda bamba mesmo. Então as políticas culturais elas vão e voltam, sobem e elas. A primeira coisa que vai mexer é com essa área. Então acaba sendo um desafio fazer parte disso, militar por isso.” (Marina Silvestrini).

“Eu acho que ele [o campo] teve um desafio de um reconhecimento, dessas temáticas, dessas questões, desse modo de fazer TO e pensar TO há um tempo atrás. O campo da cultura parece que sempre fica pra depois.” (Flávia Liberman).

Isadora levanta a hipótese de que talvez a temática da Terapia Ocupacional e cultura seja mais trabalhada através da vinculação com IES devido à instabilidade e descontinuidade das políticas culturais: *“Mas eu acho que é por isso talvez que também a gente fique ainda bem*

perto da universidade. Porque também é um tanto difícil depender das políticas públicas, dos financiamentos públicos.” Assim, o mercado de trabalho pode ser desafiador para os profissionais interessados nessa área.

“Quando você se depara com o mercado de trabalho ou com atenção por produtividade, que eu acho que a gente tem que fazer a crítica a tudo isso, mas também a gente tem que se inserir. A gente tem que ser TO, a gente tem que trabalhar, a gente tem que ganhar dinheiro, a gente tem que sobreviver nisso. Então começa a ter muitos desafios. Eu acho que é por isso talvez que também a gente fique ainda bem perto da universidade. Porque também é um tanto difícil depender das políticas públicas, dos financiamentos públicos, enfim. Eu acho que é um campo possível de ter práticas mais livres e emancipatórias, mas isso também diz sobre a gente estar também fora desse circuito mercantil da venda do seu serviço, sabe?” (Isadora Cardinalli).

Silvestrini (2019) reitera tal desafio em sua pesquisa com terapeutas ocupacionais que atuam em Pontos de Cultura, identificando que ainda não há uma grande quantidade de vagas para terapeutas ocupacionais atuarem na cultura e que, apesar da Terapia Ocupacional ter muita potência no campo, este ainda está se consolidando e ainda é preciso aprender e construir muito ainda. Renata e Colaboradora 1 também partilham dessa noção:

“Outro desafio é a gente se colocar como um agente nesse campo, nessa perspectiva de que a gente trabalha com grupos dos mais diversos. Porque a gente ainda fica muito localizado nas populações com deficiência, usuárias dos serviços de saúde mental... no imaginário social. Então, isso ainda está muito colado. A gente ainda se sustenta no campo da cultura, como terapeuta ocupacional, quando a gente está ligado nisso. Então as pessoas veem pouco a gente como agente no campo da cultura que pode trabalhar com as populações das mais diversas ou que preza por essa diversidade como motor dos processos criativos das expressões que advém do trabalho. Então isso ainda é desafiador, porque a gente ainda fica num “não lugar”.” (Renata Mecca).

“Outro desafio é também a gente se localizar nos editais. Porque quando a gente fala que é terapeuta ocupacional as pessoas acham que a gente é um profissional que não está capacitado pra esse campo. Então a gente precisa se capacitar, se instrumentalizar, enfim. E uma outra coisa é que esse campo está vivendo um momento de paúra, de muita precariedade” (Renata Mecca).

“Eu tenho vários alunos que saíram do curso, que tem perfil e que atuam fazendo mirabolos pra poder estar nessa interface, mas que não conseguem ser pagos por isso. Ou trabalham voluntariamente nesse campo e trabalham remunerado em outro que não tem nada

a ver com a pessoa. Acho que meu desejo maior nesse momento é que a gente pudesse consolidar enquanto campo e abrir espaço pra TO atuar de fato, sabe.” (Colaboradora 1).

O financiamento para desenvolver projetos voltados ao campo/interface das políticas públicas também se coloca como um desafio:

“Nem sempre a gente consegue bolsa, financiamento. Às vezes a gente consegue um financiamento super curto e a gente vai tentando lidar com aquilo que tem. Às vezes a gente simplesmente não consegue. Quando a gente consegue a gente solta fogos. E aí o trabalho com arte, com cultura, demanda recurso. E a gente fica tentando lidar com o que é possível ter”.
(Roberta Furtado)

Uma outra dificuldade que está posta decorre da disputa entre campos científicos. Partimos do princípio que a ciência acontece em meio ao cotidiano e todas suas complexidades. Assim, a Terapia Ocupacional passa por processos de construção, desconstrução e reformulação de referenciais para se constituir e afirmar enquanto um campo de saber pautado por construções teórico-práticas conscientes e críticas, que advêm da reflexividade e de um processo de ampliação de repertórios e produções complexas, plurais e contextualizadas. Entretanto, os campos científicos se constituem como campos de força e disputa, de modo que determinadas práticas e fundamentos ainda são mais reconhecidos cientificamente do que outros (CARDINALLI, SILVA, 2019; SILVESTRINI, 2019). Reconhecemos então que

considerar os processos de dominação, poder e hegemonia epistemológica são fundamentais para a produção de teorias, práticas e suas derivações na construção do campo em Terapia Ocupacional. Inclusive, considerando sua complexidade de jogos de poder e disputas discursas, assim como, sua capacidade de reinventar-se múltipla, situada, compondo ecologias de saberes, campos de forças e ativa no seu processo ético e político de responsabilização com a vida humana e sua diversidade. (POELLNITZ, SILVA, 2019, p. 95).

O reconhecimento científico do modo de produzir conhecimento na interface da terapia ocupacional e cultura foi também indicado como um desafio:

“Os nossos colegas também de entender que a experiência, a pesquisa do corpo tem um reconhecimento científico, sim. Não é porque ela não trabalha prioritariamente com compreensões quantitativas, mas ela tem uma importância e um lugar fundamental na produção de conhecimento científico na terapia ocupacional. Que a arte e ciência não são coisas separadas. Isso foi outra separação que aconteceu. A ciência de um lado, a arte do outro, como se a arte fosse algo menor.” (Flávia Liberman).

“A gente ainda tem barreiras que são bem institucionais e acadêmicas, sabe, de como pensamento e conhecimento são construídos. É aquilo que eu te falei, muitas vezes essas formas diferentes de fazer não são vistas, né.” (Grasielle Tavares).

Cardinalli e Silva (2019) reforçam a necessidade de fortalecer o movimento de produção de conhecimento a partir dos referenciais que acreditamos:

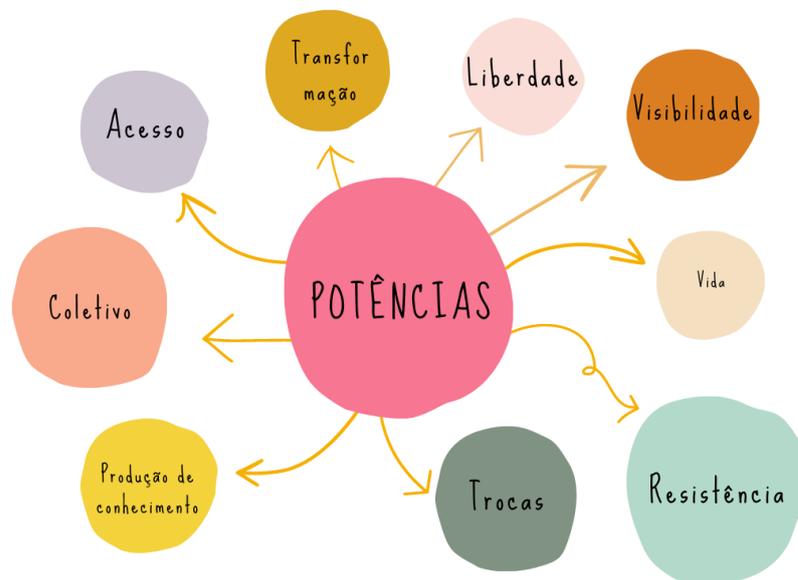
Fortalecendo o movimento da produção complexa, crítica, plural e contextualizada, comprometida com a dimensão ética e política do terapeuta ocupacional potencializando saberes e práticas de sujeitos e coletivos [...] por meio de práticas dialógicas, não hierárquicas e coletivas possam romper com os processos de exclusão e desigualdade, os quais a produção científica e acadêmica ainda sustenta (CARDINALLI, SILVA, 2019, p.53).

5.4 Potências

“Eu sinto que o campo das artes, o campo da cultura, esse campo do encontro entre corpos potencializam a vida. E se eles potencializam a vida é porque tem tudo a ver com a terapia ocupacional. O que é a terapia ocupacional, se não é a gente potencializar a nossa vida, nosso cotidiano, nosso fazer, nosso dia a dia?”
(Flávia Liberman).

Apesar de desafios, diversas potencialidades de estar, habitar e caminhar pelo campo e interface da cultura foram identificadas nos relatos dos colaboradores (figura 6).

Figura 6 - Potências



Fonte: autoria própria

Barros, Almeida e Vecchia (2007) expressam a importância da ação em Terapia Ocupacional se formar a partir do trabalho em conjunto, tendo em vista que o compartilhamento e troca de experiências e saberes trilham caminho para uma ação partilhada e dialogada. Silvestrini (2019) corrobora ao apontar que práticas de Terapia Ocupacional na cultura

permitem produção de conhecimento amplo que valoriza e respeita a diversidade, de modo que as trocas culturais permitem ampliar o escopo da pesquisa e academia.

“São saberes que não vêm só dos artigos e dos livros. São saberes que vêm das rodas de conversa, que nos obrigam a criar redes. Então, eu acho que é um trabalho que também potencializa isso: partilha de saberes, de práticas. E com isso, abre a possibilidade de todo mundo existir plenamente. Acho que aí tem uma potência é das que eu me emociono, que é o que eu gosto de fazer.” (Colaboradora 1).

“A gente entender que a gente não faz nada sozinho. A gente está num campo de interface e é interface de fato. Então você está fazendo junto com. Junto com os coletivos de produção, as iniciativas culturais, os artistas, enfim.” (Renata Mecca).

“A TO tem que olhar para vida e a vida está em movimento. Então eu acho que a cultura possibilita isso. Esses intercâmbios, essas trocas. Então, isso eu acho que é uma potência: das trocas, dos deslocamentos, do pertencimento a cidade, aos circuitos de troca, experimentar junto. Eu acho que tudo isso é potência do campo.” (Isadora Cardinalli).

A visibilidade a partir perspectiva crítica e sensível que a Terapia Ocupacional na cultura oferece a populações que foram historicamente alijadas de seus direitos culturais é vista como potência por Roberta:

“Eu vejo como um campo que está em grande expansão. Eu acho super importante produzir conhecimento que está dando visibilidade, por exemplo, ao modo de cultura brasileiro decolonial que olha para diversidade, olha para as culturas ancestrais, para cultura popular, que muitas vezes não é olhada, não é percebida. Então é também um lugar de luta e de resistência. Mas que é importante que a gente fale e dê visibilidade.” (Roberta Furtado).

“A potencialidade está acho que nesse desejo de trabalhar e de continuar vendo o quanto que esse trabalho é rico em termos de acesso às pessoas e de poder trabalhar com a riqueza das memórias, de um patrimônio que às vezes não é visto, não é percebido.” (Roberta Furtado).

O engajamento, atuação contextualizada e crítica e a resistência a um sistema hegemônico massificante também foi apontado como potência. Silvestrini, Silva e Prado (2019) apontam

a ampliação de terapeutas ocupacionais implicadas e engajadas na luta pelos direitos sociais e humanos de sujeitos e coletivos tem sido um pilar fundamental da profissão, associada à compreensão da potencialidade da diversidade humana e cultural a qualquer sociedade na busca pelo exercício pleno da emancipação e cidadania. (SILVESTRINI, SILVA, PRADO, 2019, p. 935).

“Tem um lugar que me interessa muito que é um lugar político. Eu penso que é um trabalho que nos permite desmanchar um jogo de forças que excluiu da possibilidade de pertencimento, de expressão, um monte de gente. Então acho que na hora que a gente se alia e produz um saber transdisciplinar, que afirma modos de existir, de se expressar, de compartilhar o mundo, vai se tecendo um saber horizontal. E é muito bonito porque isso vai se dando desde um saber do corpo.” (Colaboradora 1).

“Eu acho que são profissionais e pessoas que quando trabalham nessa área são sempre muito engajados. Então, necessariamente, [esse trabalho] é colaborativo, democrático, engajado. As pessoas querem muito estar, porque não é fácil estar nessa área, você está sempre na defesa, na militância. Você nunca está esbanjando, “nossa, tá uma beleza aqui! Vamos só usar o dinheiro!”. Nunca está, entendeu. Você está sempre atrás. Então é o pessoal que está, é o pessoal que está engajado. Que quer, que acredita no que faz. Então, isso eu acho que é bem potente.” (Marina Silvestrini).

A Terapia Ocupacional é uma profissão política por definição e não somente se/quando necessário: “ela é política por definição, porque sua paisagem é a vida ativa e o mundo comum, isto é, a esfera política que se desenvolve no espaço público” (LIMA, p. 123, 2019). Ainda que recente, a reflexão sobre a Terapia Ocupacional e cultura nos revela que o campo da cultura é um campo de luta e resistência:

“Estar na área da cultura, falar sobre cultura já é um ato de resistência, praticamente. Defender que as pessoas possam ser quem elas querem ser, que é trabalhar com cultura, é um ato de resistência. Defender, falar de cultura, é falar de formas de vida e que as pessoas podem existir do jeito que elas são e que isso é bonito, e que isso tem que ser falado, tem que ser mostrado.” (Marina Silvestrini).

As possibilidades foram colocadas como potências, sejam elas de criação, ação, existência, resistência, dentre muitas outras. Lima (2019) descreve que o terapeuta ocupacional habita os ambientes da vida, de modo que sua paisagem é a vida ativa e sua ferramenta são as diferentes atividades que a compõem. Entendemos na Terapia Ocupacional e cultura a potência da liberdade.

“Pra mim, especificamente, acho que tem uma coisa da liberdade, de poder criar qualquer coisa, de poder ir para qualquer lugar, sabe? De poder experimentar o diferente, seja um diferente em mim, ou seja, o diferente dessa relação com o outro que é diferente de mim. Que não está pronto, não é um lugar que está pronto, definido, sabe. Isso pra mim é muito importante, assim. Desse lugar de poder promover relações horizontais. Eu estou ali aprendendo teatro, assim como eu estou ensinando, assim como eu estou experimentando com

aquela pessoa pela primeira vez, sabe? Então não estou num lugar de poder, que eu recebo a pessoa, que ela me questiona o que é que ela precisa fazer.” (Isadora Cardinalli).

“Uma outra potência que eu acredito é a possibilidade de criação. Eu acho que são espaços que não nos limitam tanto, que deixam que a gente construa, que a gente reveja os formatos e a gente vai conseguindo fazer as coisas acontecerem. Então, eu acredito que essa liberdade de fazer, de construir, para mim, é muito importante. E o processo de experimentação que, para mim, é uma potência de estar ali e poder fazer junto, sabe.” (Grasielle Tavares).

A partir de uma citação sensível, estética e poética, Flavia enuncia:

“Eu sinto que as artes, esse campo das artes, esse campo da cultura, esse campo do encontro entre corpos, potencializam a vida. E se eles potencializam a vida é porque tem tudo a ver com a terapia ocupacional. O que é a terapia ocupacional, se não é a gente potencializar a nossa vida, nosso cotidiano, nosso fazer, nosso dia a dia?” (Flávia Liberman).

6 CONCLUSÃO

A partir dos relatos sensíveis dos colaboradores que participaram desta pesquisa, pudemos perceber que, apesar da proposta de se pensar Terapia Ocupacional e Cultura ser recente, os profissionais já possuem repertório de práticas e estudos, seja na interface ou campo da cultura, e tem o desejo que essas temáticas se expandam ainda mais e ganhem maior espaço dentro da Terapia Ocupacional.

Conseguimos identificar as quatro dimensões da Terapia Ocupacional e Cultura (dimensão ocupacional, estratégia para prática, campo da cultura, dimensão macro para transformação social) nas falas dos profissionais entrevistados. Essas dimensões aparecem nos relatos de maneira interconectada e visam garantia de direitos e protagonismo da população: a cultura é vista como inerente e indissociável da vida humana. A cultura como um lugar de interface, muito conectada também à arte e ao corpo toma o lugar de estratégia para prática, prática esta que visa criar possibilidades de expressão, criação e protagonismo. A cultura enquanto campo é uma proposta recente e ainda está em constituição, mas os profissionais que se aventuraram e desbravaram esse espaço já estão colhendo resultados positivos de sua atuação e auxiliando na construção de conhecimento sobre. Ao final, a busca pela garantia de direitos e transformação social é o que move esses profissionais.

Os colaboradores partem de uma definição ampla e não homogeneizante de cultura para elaborar suas práticas, cumprindo com seu compromisso ético-político para com os indivíduos com quem atua.

A cultura como propulsora do encontro, o recurso da prática ou a finalidade da intervenção, sempre será um potencial para expressividade, construção de subjetividades, elaboração de símbolos, aquisição de habilidades, processos criativos, acessibilidade, empoderamento, cidadania, inserção social, experimentação existencial, criação de formas de enfrentamento, resistência e mobilização diante de um panorama socioeconômico desagregador e excludente. (SILVA *et al.*, 2019b, p. 255).

Apesar dos desafios, os profissionais são extremamente engajados, participando da luta e atuando na resistência contra um sistema neocolonial, capitalista, patriarcal e hegemônico visando garantir os direitos humanos. Silvestrini, Silva e Prado (2019) apontam que esse processo é feito através de uma perspectiva crítica, reflexiva, contextual e complexa, que ressalta a necessidade de romper com processos de dominação e hierarquização que geram desigualdade.

O fazer em conjunto, a troca e o partilhar experiências potencializam o trabalho da Terapia Ocupacional na cultura. Os profissionais colocam o Laboratório de Atividades Humanas e Terapia Ocupacional – AHTO como um lugar de potência e possibilidade, vide que é um espaço onde essas trocas são incentivadas e acolhidas.

Há ainda muito a se construir na Terapia Ocupacional e Cultura, mas estamos trilhando caminhos que permitem transformação, criação, ser e existir na diversidade e pluralidade do ser humano. Assim

a terapia ocupacional na interface com a cultura, como um caminho que segue na contracorrente da hegemonia dominante, acolhendo toda a diversidade das atividades e fazeres, dos territórios e localidades, parece ser uma proposta promissora e de resistência, na valorização genuína da vida humana (SILVESTRINI, 2019, p 139).

Trilhando novos caminhos...

Transitei por uma longa e incrível jornada para concluir minha iniciação científica e meu trabalho de conclusão de curso. Ao longo dela, conheci pessoas incríveis que me inspiraram e me forneceram outras maneiras de enxergar, não só a Terapia Ocupacional, mas a vida como um todo. Afinal, o que é a TO, se não a própria relação com a vida?

Ao longo desse caminho, me fiz cada vez mais presentes nas reuniões do Grupo de Pesquisa AHTO, ingressei no Grupo de Estudos “TOCAR: Terapia ocupacional, cuidado, corpo, criatividade, cotidiano, afeto, arte e ressignificação”, coordenado pela incrível Prof^a Dr^a Grasielle Tavares, fiz parte, como monitora, da disciplina “Especificidades em Terapia Ocupacional – Terapia Ocupacional e Cultura”, ministrada pela Prof^a Dr^a Carla Regina Silva para graduandos em Terapia Ocupacional da UFSCar. Apresentei minha iniciação científica no VI Seminário Nacional de Pesquisa em Terapia Ocupacional – SNPTO da Rede Nacional de Ensino e Pesquisa – RENETO, evento o qual também fui relatora do evento e tive meu resumo publicado nos Anais. Ademais, também apresentei minha pesquisa no III Encontro de Terapia Ocupacional e Cultura: Territorialidade, Cultura e Direitos Humanos e na Semana CATO UFSCar.

Por fim, atualmente eu e Carla estamos desenvolvendo uma nova iniciação científica, que também recebe apoio do CNPQ, intitulada “Terapia Ocupacional e Cultura: movimenTOs”, a qual iremos buscar ainda mais quais práticas terapeutas ocupacionais vêm realizando na interface com a cultura, focando em profissionais que estão atuando na prática e que não estejam necessariamente vinculados à academia.

Vejo um caminho fascinante na Terapia Ocupacional e Cultura e o sigo trilhando.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. AMBRÓSIO, L et al. FEST 8: a ocupação cultural de juventudes negra e periférica em espaço público. *ÁSKESIS*, [s. l.], v. 9, ed. 1, p. 179 - 191, 2020. DOI <https://doi.org/10.46269/9120.553>. Disponível em: <https://www.revistaaskesis.ufscar.br/index.php/askesis/article/view/553>. Acesso em: 23 set. 2021.
2. BARROS, D. *et al.* Cultura, economia, política e saber como espaços de significação na Terapia Ocupacional Social: Reflexões sobre a experiência do Ponto de Encontro e Cultura. **Cad. Ter. Ocup. UFSCar**, São Carlos, v. 21, n. 3, p. 583-594, 2013. DOI <https://doi.org/10.4322/cto.2013.060>. Disponível em: <http://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/918>. Acesso em: 15 ago. 2021.
3. BARROS, D.; ALMEIDA, M.; VECCHIA, T. Terapia ocupacional social: diversidade, cultura e saber técnico. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 18, n. 3, p. 128-134, 2007. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v18i3p128-134>. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rto/article/view/14016>. Acesso em: 15 ago. 2021.
4. BRASIL. Ministério da Cultura. As metas do Plano Nacional de Cultura. 3 ed. São Paulo. 2013. 216 p. ISBN 978-85-60618-07-1
5. CARDINALLI, I; SILVA, C. Considerações epistemológicas da produção de conhecimento da Terapia Ocupacional no Brasil. *In*: SILVA, C. **Atividades Humanas e Terapia Ocupacional: Saber-fazer, cultura, política e outras resistências**. 1. ed. São Carlos: HUCITEC, 2019. cap. 11, p. 265-286. ISBN 978-85-8404-202-9.
6. CARDOSO *et al.* PROCULT Diversidade e Cidadania - uma proposta política e poética na academia. *In*: SILVA, C. **Atividades Humanas e Terapia Ocupacional: Saber-fazer, cultura, política e outras resistências**. 1. ed. São Carlos: HUCITEC, 2019. cap. 1, p. 33-58. ISBN 978-85-8404-202-9.

7. CASTRO, D.; IVANOFF, S.; MÂRTENSSON, L. Occupational therapy and culture: a literature review. **Scandinavian Journal of Occupational Therapy**, v. 21, n. 6, p. 401-414, 2014.
8. CASTRO, E. D.; SILVA, D. M. Habitando os campos da arte e da terapia ocupacional: percursos teóricos e reflexões. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 13, n. 1, p. 1-8, jan./abr. 2002. DOI <https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v13i1p1-8> Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rto/article/view/13888/15706>. Acesso em: 15 ago. 2021
9. CASTRO, E.; SILVA, D. Atos e fatos de cultura: territórios das práticas, interdisciplinaridade e as ações na interface da arte e promoção da saúde . **Rev. De Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 18, n. 3, p. 102-112, 2007. DOI <https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v18i3p102-112>. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rto/article/view/14013>. Acesso em: 18 ago. 2021
10. INFORSATO *et al.* Arte, saúde e cultura na formação em Terapia Ocupacional: atividades, corpo e produção de subjetividade na experiência do PACTO. *In*: SILVA, C. **Atividades Humanas e Terapia Ocupacional: Saber-fazer, cultura, política e outras resistências**. 1. ed. São Carlos: HUCITEC, 2019. cap. 5, p. 131-156. ISBN 978-85-8404-202-9.
11. IWAMA, M.; SIMÓ, S. Aspectos de significado, cultura e inclusão em terapia ocupacional. **TOG (A Coruña)**, [s. l.], v. 5, n. 2, p. 1-23, 2008.
12. LAKATOS, E; MARCONI, M. Técnicas de Pesquisa *In*: LAKATOS, E.; MARCONI, M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. ed. [S. l.]: Atlas, 2003. cap. 9, p. 175-214. ISBN 85-224-3397--6.
13. LIMA, E. M. F. A. Uma perspectiva ético-estético-política para as atividades em Terapia Ocupacional. *In*: SILVA, C. **Atividades Humanas e Terapia Ocupacional: Saber-fazer, cultura, política e outras resistências**. 1. ed. São Carlos: HUCITEC, 2019. cap. 4, p. 97-130. ISBN 978-85-8404-202-9.
14. POELLNITZ, J.; SILVA, C. Sobre a linguagem: sentidos para uso de termos e conceitos. *In*: SILVA, C. **Atividades Humanas e Terapia Ocupacional: Saber-fazer,**

cultura, política e outras resistências. 1. ed. São Carlos: HUCITEC, 2019. cap. 3, p. 80-96. ISBN 978-85-8404-202-9.

15. QUARENTEI, M.. Do ocupar a criações de territórios existenciais. *In: XX Congresso Brasileiro de Terapia Ocupacional: contextos, territórios e diversidades.* Goiânia, 2007.

16. SANTOS, B.; MENESES, B. **Epistemologias do Sul.** 2. Ed. Coimbra: CES, 2010.

17. SILVA, C. *et al.* Arte e Cultura para a Promoção dos Direitos Humanos junto a Usuários de Saúde Mental. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental**, Florianópolis, v. 8, n. 20, p. 198-211, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/69249/41577>. Acesso em: 16 ago. 2021

18. SILVA, C (org.). **Direitos Humanos para a Diversidade:** construindo espaços de arte, cultura e educação. 1. ed. Brasília: São Jorge, 2014. 98 p. ISBN 978-85-68930-00-7.

19. a.SILVA, C. *et al.* Expressões Potentes da Juventude: Eu sou porque nós somos. **Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 170-190, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ribto/article/view/19349>. Acesso em: 13 ago. 2021.

20. SILVA, C. *et al.* La Terapia Ocupacional y La Cultura: Miradas a la Transformación Social. **Revista Chilena de Terapia Ocupacional**, [s. l.], v. 17, n. 1, p. 109-117, 2017. DOI 10.5354/0719-5346.2017.46383. Disponível em: <https://revistaterapiaocupacional.uchile.cl/index.php/RTO/article/view/46383>. Acesso em: 13 ago. 2021.

21. SILVA, V. P.; BARROS, D. D. Método história oral de vida: contribuições para a pesquisa qualitativa em terapia ocupacional. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, [s. l.], v. 21, ed. 1, p. 68-73, 2010. DOI <https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v21i1p68-73>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rto/article/view/14087>. Acesso em: 16 ago. 2021.

22. b.SILVA, C *et al.* Proposições da Terapia Ocupacional na Cultura: processos sensíveis e demandas sociais. *In: SILVA, C. Atividades Humanas e Terapia*

Ocupacional: Saber-fazer, cultura, política e outras resistências. 1. ed. São Carlos: HUCITEC, 2019. cap. 10, p. 235-264. ISBN 978-85-8404-202-9.

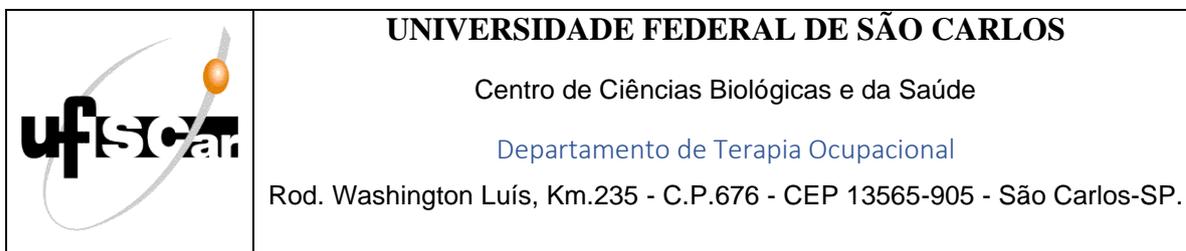
23. SILVESTRINI, M. **Terapia Ocupacional e Cultura: uma curadoria de tessituras entre Práticas, Políticas, Diversidade e Direitos.** Orientador: Carla Regina Silva. 2019. 161 f. Dissertação (Mestrado em Terapia Ocupacional) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/11260>. Acesso em: 10 ago. 2021.

24. SILVESTRINI, M.; SILVA, C.; ALMEIDA, A. Terapia ocupacional e cultura: dimensões ético-políticas e resistências. **Cad. Ter. Ocup. UFSCar**, São Carlos, v. 27, n. 4, p. 929-940, 2019. DOI <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoARF1727>. Disponível em: <http://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/2244/1216>. Acesso em: 15 ago. 2021.

25. UNESCO. Declaração Universal da Diversidade Cultural. 2002.

26. World Federation of Occupational Therapists. **About Occupational Therapy.** 2010. Disponível em: <https://www.wfot.org/about/about-occupational-therapy>. Acesso em: 20 ago. 2021.

APÊNDICE A – Carta convite



São Carlos, ____ de _____ de 2021.

Profª Drª _____

Vimos por meio deste fazer um convite para participar da pesquisa “Terapia Ocupacional e Cultura: quais caminhos estamos trilhando?” que vem sendo desenvolvida pela estudante de Terapia Ocupacional Amanda Mendes, sob orientação da Profa. Dra. Carla Regina Silva. Trata-se de uma pesquisa de Iniciação Científica financiada pelo PIBIC Nº 10/2020 - PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA 2020-2021, da Universidade Federal de São Carlos.

Você está sendo convidada devido seu relevante trabalho e suas contribuições no campo, além da participação em encontros e grupos de pesquisa na interface da Terapia Ocupacional e Cultura, tal como se refletem seus estudos, publicações e apresentações.

Os objetivos deste estudo são: identificar quais são as práticas que terapeutas ocupacionais vêm desenvolvendo na interface Terapia Ocupacional e Cultura no Brasil. E, para isso, precisamos de sua importante contribuição, através da participação de um (1) encontro via videoconferência pela plataforma *Google Meet*® com duração de aproximadamente uma (1) hora, de modo que possa relatar sobre sua atuação no campo de Terapia Ocupacional e Cultura. Neste encontro será realizada uma entrevista dialogada, através de um roteiro semiestruturado de perguntas, a qual apresenta questões referentes à sua experiência na área. Tal encontro será gravado para que possa ser posteriormente transcrito pela pesquisadora e poderá ser divulgado em redes sociais (facebook e instagram), caso seja seu interesse e tenhamos sua autorização para tal.

Pretendemos, através desse estudo, contribuir para as discussões atuais da Terapia Ocupacional e Cultura. Visamos também a criação de recursos imagéticos e sonoros, que com devida autorização das participantes, possam ser posteriormente divulgados para o público interessado na temática Terapia Ocupacional e Cultura. Propõe-se, desta maneira, uma comunicação direta para que os dados gerados na pesquisa possam ser compartilhados, para além dos produtos acadêmicos científicos como artigos e trabalhos apresentados em eventos da área.

Gostaríamos de poder contar com sua participação através de uma entrevista que será agendada conforme sua disponibilidade. Caso tenha interesse em participar, enviaremos o roteiro da entrevista previamente para que possa apreciá-lo, assim como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Certas de que podemos contar com sua importante contribuição, estamos à disposição para quaisquer esclarecimentos e agradecemos a atenção dispensada.

Atenciosamente,

Amanda Mendes Molina
Graduanda em Terapia Ocupacional UFSCar
amandamolina@estudante.ufscar.br

Profa. Dra. Carla Regina Silva
Departamento de Terapia Ocupacional – UFSCar
carlars@ufscar.br

APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado/a/e para participar da pesquisa “Terapia Ocupacional e Cultura: quais caminhos estamos trilhando?”. Você foi selecionado/a/e por participar de encontros e grupos de pesquisa na interface da Terapia Ocupacional e Cultura. Além disso, identifica parte de seu trabalho em Terapia Ocupacional no campo da Cultura, tal como se refletem seus estudos, publicações e apresentações.

Justifica-se a importância desse projeto ao explorar quais práticas vem sendo desenvolvidas por terapeutas ocupacionais no contexto brasileiro no que diz respeito à interface Terapia Ocupacional e Cultura, levando em consideração que é um campo múltiplo e em constante expansão sendo de extrema importância compreender, relatar e registrar as práticas para que possamos avançar na elaboração de conceitos, referências, práticas, técnicas e demais sustentações de práticas e construções de conhecimentos.

Os objetivos deste estudo são identificar quais são as práticas que terapeutas ocupacionais vêm desenvolvendo na interface Terapia Ocupacional e Cultura no Brasil;

Para a sistematização e organização dos resultados serão feitos agrupamentos em grandes temas, a partir das principais questões levantadas pelos/as/es participantes. Para análise dos resultados será traçado um paralelo aos resultados esperados: existência das quatro dimensões da Terapia Ocupacional e Cultura e compromisso ético e político da profissão na interface Terapia Ocupacional e Cultura na atuação das profissionais. Serão elaborados recursos audiovisuais e divulgação em redes sociais como Instagram e Podcast para compartilhar os dados gerados nesta pesquisa para além de publicações acadêmicas. A divulgação será realizada caso seja autorizada por você. A participação das entrevistas não está condicionada a divulgação nas redes sociais, ou seja, você autoriza ou não cada uma dessas etapas.

A coleta de dados dessa pesquisa terá duração de cinco (5) meses, porém sua participação consistirá em participar de um (1) encontro via videoconferência pela plataforma Google Meet com duração de aproximadamente uma (1) hora, de modo que possa relatar sobre sua atuação no campo de Terapia Ocupacional e Cultura. Neste encontro será realizada uma entrevista dialogada, através de um roteiro semiestruturado de perguntas. Os encontros remotos síncronos serão gravados para serem posteriormente transcritos pela pesquisadora e poderão ser divulgados para divulgação nas redes sociais citadas, caso seja seu interesse e tenhamos sua autorização.

Sua participação não é obrigatória e sim voluntária. Você tem a garantia de receber todas as informações necessárias antes, durante e depois do estudo, tendo liberdade para fazer qualquer pergunta sobre sua participação e sobre os objetivos da pesquisa e também tem liberdade em recusar a participar, desistir ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição.

Essa pesquisa considera que os/as/es profissionais convidados/as/es a colaborar com a pesquisa estão criando e ampliando o campo da Terapia Ocupacional e Cultura no Brasil, de modo que, com devido consentimento, a divulgação de seu nome enquanto contribuinte seria muito potente para que sejam enunciadas, nomeadas e reconhecidas as pessoas referências no tema do estudo. Destaca-se neste termo que a pesquisa considera a cooperação entre colaboradores e pesquisadores em sua construção metodológica, entendendo a importância dos mesmos no processo e essência do estudo, prezando por produções de divulgação que sejam também de autoria compartilhada, caso seja de seu interesse.

Assim, perguntaremos durante a entrevista como prefere ser identificado/a/e (com as iniciais do seu nome, codinome ou a grafia de seu nome). Caso não consinta, sua privacidade será assegurada e seu nome será omitido de modo a não ser possível sua identificação. Da

mesma forma ao final da entrevista perguntaremos se você autoriza a divulgação audiovisual em redes sociais, ficando totalmente ao seu critério.

Os dados coletados poderão ter seus resultados divulgados em eventos, revistas e/ou trabalhos e atividades acadêmicos e científicos, assim como, na divulgação em redes sociais do Instagram e Podcast, propostos por esta pesquisa como forma de compartilhamento dos resultados obtidos.

A participação nesta pesquisa não oferece risco imediato a você, entretanto, colocamos aqui a possibilidade de um risco subjetivo, pois algumas perguntas podem remeter a algum desconforto, evocar sentimentos ou lembranças, ou levar a um leve cansaço tal qual o processo de construção das narrativas.

Caso opte por participar dessa pesquisa, você receberá este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado, onde consta o telefone, endereço e endereço de e-mail das pesquisadoras, ele será enviado no e-mail que você informar para que possa agregar sua assinatura e nos reenviar através dos e-mails de contato oferecidos. Através destes e-mails você também poderá entrar em contato sempre que quiser, para esclarecer dúvidas ou qualquer outra motivação, agora ou a qualquer momento.

Agradeço desde já e espero que possa compor com esta pesquisa.

Profa. Dra. Carla Regina Silva
Rua Ray Wesley Herrick, 1501, casa 67
São Carlos - SP
Telefone: 16-35518743
e-mail: carlars@ufscar.br

Amanda Mendes Molina
Rua João Gurgel, nº 865
Araraquara - SP
Telefone: 16-992860988
e-mail: amandamolina@estudante.ufscar.br

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP – Brasil. Fone (16) 3351-8110. Endereço eletrônico: cephumanos@power.ufscar.br

Local e data

Participante da pesquisa *

Perfil pessoal:

- Nome;
- Instituição e ano de graduação;
- Onde trabalha atualmente;

Caminhos

- Como chegou até o campo da cultura, em sua trajetória profissional na Terapia Ocupacional?

- Quais lugares / serviços / áreas relacionadas à cultura já trabalhou / trabalha atualmente?
- Como nomeia a população/coletivos/grupos e pessoas com quem trabalha/trabalhou neste campo?
- Qual vínculo de trabalho você possui neste campo?
- Quais outros campos você considera de interface no trabalho que desenvolve?
- Se seu encontro com a área da cultura se dá através de práticas, você pode relatar alguns exemplos de sua atuação prática?
- Você segue algum referencial teórico metodológico seja ele dentro ou fora da Terapia Ocupacional que contribui para sustentar suas práticas neste campo? Se sim, qual/quais?

Horizonte

- Quais desafios você identificou ao longo de sua carreira? Quais identifica ainda hoje?
 - Quais potencialidades você identificou ao longo de sua carreira? Quais identifica ainda hoje?
 - Que especificidades você identifica no campo da Terapia Ocupacional com interface na Cultura?
 - O que espera do campo da Terapia Ocupacional com interface na Cultura daqui pra frente?
- Espaço aberto